



EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, TRABALHO E PRODUÇÃO DE SABERES

Maria Clarice Rodrigues de Oliveira¹

Naira Lisboa Franzoi²

Resumo

O artigo apresenta o estudo de caso sobre uma pesquisa desenvolvida numa escola técnica pública por dois estudantes trabalhadores, provenientes de uma região da indústria fumageira, no interior do Rio Grande do Sul. O foco é a forma como se deu o diálogo entre os saberes escolares, ou “constituídos” e os saberes experiências dos alunos, ou “engajados”, à luz da Ergologia. Faz-se um ensaio teórico de ver nessa experiência um uso do Dispositivo Dinâmico de Três Polos, ferramenta metodológica por ela proposta. Os conceitos de atividade humana, trabalho, saberes e o Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P), na perspectiva da Ergologia, são a sustentação teórica do estudo. Ao visibilizar uma experiência bem sucedida em uma escola pública cujo público são jovens e adultos trabalhadores, e ao explorar as possibilidades de uso de uma ferramenta teórico metodológica que objetiva promover o diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes engajados na atividade de trabalho por aqueles que o executam, acreditamos estar contribuindo com a prática docente e com o campo teórico-metodológico, ainda em construção.

¹Doutoranda em educação no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pedagoga e coordenadora geral de ensino no IFRS Câmpus Viamão. Endereço: Rua Coraci Prates da Veiga, 26, Brasil. CEP 94410-290. Endereço Eletrônico: clarice500@gmail.com.

² Doutora em educação, professora associada 3 da Faculdade de Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço: Rua Miguel Tostes, 225/501, CEP 90430-061. Brasil. Endereço Eletrônico: nairalisboafranzoi50@gmail.com.

Palavras chave: Educação Profissional; Trabalho-Educação; Saberes Do Trabalho; Ergologia; Dispositivo Dinâmico De 3 Polos

1 INTRODUÇÃO

O artigo analisa uma experiência em que práticas pedagógicas em educação profissional se constroem tendo por base o patrimônio de saberes dos trabalhadores-estudantes, construídos ao longo de suas vidas e de suas trajetórias de trabalho, que se iniciam muito cedo. Trata-se de um estudo de caso sobre uma pesquisa realizada por dois estudantes trabalhadores, provenientes de uma região da indústria fumageira, no interior do Rio Grande do Sul. O estudo de caso realizou-se na Escola Técnica de Agricultura de Viamão (ETA), escola pública da rede estadual do RS, que acolhe estudantes da zona rural de diferentes regiões do estado, onde os estudantes desenvolveram sua pesquisa. O foco aqui é a forma como se deu esse diálogo entre os saberes escolares, ou “constituídos” e os saberes experiências dos alunos, ou “engajados”, à luz da ergologia. Faz-se um exercício teórico de ver nessa experiência um uso do Dispositivo Dinâmico de Três Polos, ferramenta metodológica por ela proposta. Para a produção de dados, foram analisados: o projeto de pesquisa apresentado pelos estudantes; a autobiografia escrita por eles no momento de ingresso na escola; seus depoimentos em um programa de rádio; e foram realizadas entrevistas em profundidade com os dois estudantes autores do projeto e com a professora orientadora do projeto.

Iniciamos o artigo trazendo os conceitos que nos interessam aqui, do ponto de vista da ergologia – atividade humana, trabalho, saberes e o Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P) – para depois apresentar a análise dos dados empíricos à luz desses conceitos.

2 ATIVIDADE HUMANA NA PERSPECTIVA DA ERGOLOGIA

Não reivindicando o estatuto de uma disciplina, a ergologia, ao contrário, recorre a todas as disciplinas acadêmicas para compreender a complexidade que envolve a atividade de trabalho. O encontro entre os vários saberes contribui para novos achados, novos conceitos, e

abre novas perspectivas e horizontes ao conhecimento sobre o trabalho. E esse é o objetivo da ergologia. (TRINQUET, 2010)

A ênfase está em ver o trabalho do ponto de vista do trabalhador/trabalhadora e a relação que esse estabelece com o meio no qual está engajado, em especial, pelos saberes investidos nessa atividade. Para Schwartz (2007), é necessário fazer um esforço para “[...] ver de perto como cada um não apenas ‘se submete’ mas vive e tenta recriar sua situação de trabalho [...]” (p. 26).

Neste sentido, a atividade humana, para a ergologia:

é tomada no sentido de atividade interior. É o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com seu meio e com os “outros”. Embora essa seja uma ideia abstrata, é muito fecunda e eficaz. Definitivamente, é o que faz com que o trabalho possa se realizar e, de fato, se realiza. (TRINQUET, 2010, p. 96, grifo do autor).

A vida humana, diferente da dos animais, transita em um universo de normas, como por exemplo, um sistema jurídico, um manual de orientação de uso, o regimento de uma empresa, um organograma, até mesmo uma tradição. Essas normas antecedem qualquer atividade. Na perspectiva da ergologia, em toda atividade humana em geral e, em especial, na de trabalho, encontram-se normas de vida e de trabalho e saberes historicamente acumulados, formal ou informalmente, que se inscrevem e reinscrevem na história e nos remetem a “[...] escolher e agir segundo um misto de aceitação (apropriação) e retrabalho variável das normas antecedentes, e esse tratamento do misto, em si, é o que chamamos de renormalização”. (SCHWARTZ, 2009, p. 267).

Ou seja, a atividade humana, da qual o trabalho é uma forma específica, “é sempre o lugar de debates, com resultados sempre incertos, entre as normas antecedentes enraizadas nos meios de vida e as tendências à renormalização e à ressingularização pelos seres humanos”. (2005, p.64). A negociação com as normas antecedentes que o sujeito que trabalha estabelece, se dá em função das suas próprias normas, e leva sempre a uma modificação. (p. 31), que pode ser mínima ou mais significativa, mas será um tipo de recriação permanente.

Dessa forma, a atividade humana assume três características: a transgressão; a mediação (entre o ‘micro’ e o ‘macro’, o local e o global, etc.); e a contradição (potencial)” (2005, p.64). Assim, os seres humanos criam e recriam a história contribuindo, mesmo que minimamente, para as transformações possíveis dentro das atividades humanas:

A noção de atividade é justamente o reconhecimento de que não há nenhuma situação de trabalho que não seja, mais ou menos, transformadora ou tentativa de transformação. [...] Existem, na própria atividade, reservas de alternativas permanentes, que são mais ou menos contrariadas ou mais ou menos desenvolvidas [...] toda atividade, é já um trabalhar ou fazer de outra forma (Idem., p. 35).

Enfim, a atividade humana envolve sempre um distanciamento entre o previsto para a realização da atividade e o que se concretiza nesta realização. A atividade é sempre ressingularizada, porque está em jogo a história pessoal de quem a realiza, na qual é necessário fazer escolhas que atravessam o intelectual, o cultural e o fisiológico. Por isso, essas escolhas não são nem totalmente conscientes nem inconscientes. A atividade inscreve-se em funcionamentos neuro-sensitivos complexos, com prolongamentos que ultrapassam a pessoa física. Isto porque, na atividade “são solicitados e mesmo incorporados, inscritos no corpo: o social, o psíquico, o institucional, as normas e os valores (do contexto e retrabalhados), a relação com as instalações e com os produtos, com os tempos, com os homens, com os níveis de racionalidade, etc”. O trabalho não existe sem alguém que trabalha e, a isto tudo que constitui este alguém que governa a atividade, Schwartz chama de “corposi”, ou “corpo-pessoa”. (SCHWARTZ, 2008, p. 24). Nessas atividades existe um encontro e um debate de valores pessoais e sociais: “Segundo as escolhas que nós faremos, nós desenvolveremos mais ou menos engenhosidade, criatividade, nós recombinares em tal ou qual direção nossas experiências e saberes anteriores.” (p. 27).

3 TRABALHO E SABER

O exame da atividade de trabalho, já objeto da ergonomia, sob o ângulo da saúde, é ampliado pela ergologia, que se interessa em especial “pelos saberes construídos e competências desenvolvidas pelo homem enquanto produtor...”(SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p.297) Na perspectiva da ergologia, em toda atividade humana em geral, e, em especial a do trabalho, formal ou informal, encontram-se saberes historicamente acumulados, normas de vida e de trabalho que se inscrevem e reinscrevem na história.

Trabalhar significa, para a ergologia, o encontro entre três dimensões. A primeira diz respeito a todos os conhecimentos necessários para a execução do trabalho, os quais se apresentam de várias formas: livros, ferramentas, máquinas, etc. A segunda diz respeito aos indivíduos que realizam ou efetuam o trabalho sempre de uma forma singular, com seus

valores, com suas escolhas e histórias de vida. A terceira dimensão diz respeito às variações do ambiente físico, do meio social, entre outros. As articulações entre essas três dimensões são infinitas, por essa razão toda a atividade de trabalho é sempre singular, jamais é igual e constantemente se modifica. (SCHWARTZ, 2007). E sempre haverá uma aprendizagem dessas recriações. Santos (2000) ressalta que o saber que está em jogo na atividade de trabalho apresenta, lacunas e está sempre em permanente construção. Assim:

Trabalhar é satisfazer uma exigência – produzir – mas, estreitamente ligada ao fato de criar, de aprender, de desenvolver-se, de dominar, de adquirir um saber. Trabalhar é procurar preencher certas lacunas, do saber e, desse modo, as suas próprias. Quer dizer, se desenvolver, se informar, se formar, se transformar, se experimentar e experimentar sua inteligência.

Esse trabalho do saber supõe atividades que fazem a relação entre o simples e o complexo, o abstrato e o concreto, o saber como produto e processo, o formal e informal, o individual e o coletivo. A ideia do “saber trabalho” implica em cada uma dessas duplas seja tratada como uma unidade problemática onde os dois termos interagem dialeticamente e não como dimensões dicotômicas que se excluem mutuamente. Evoca ainda, cada sujeito em sua singularidade, ou o coletivo de sujeitos em relação permanente, entre si e com o próprio saber. (p. 129).

Os estudos da ergologia, a partir desse contexto, propõem-se aprofundar o conhecimento sobre o mundo do trabalho e da experiência dos trabalhadores, entre o trabalho prescrito e o trabalho real³, como produção, mobilização, organização e formalização do saber do trabalhador, em que se considera toda situação de trabalho como espaço de transgressão de normas produzidas pelos sujeitos no trabalho, espaço no qual cada sujeito vive um “uso de si por si mesmo” e um “uso de si pelo outro.”⁴ (SCHWARTZ, 2003).

A ergologia aborda a realidade dessa atividade humana na qual

[...] este concentrado de história é sempre, por uma parte, inacabado, lacunar, isto significa que a história se re-escreve em permanência, que novas normas de construção de saberes, de construção do social, “renormalizações” incessantes reaparecem em todos os lugares onde os grupos humanos se mobilizam para produzir. [...] se o saber adere a tudo isso que aí se cria, aí se reinventa, se reproduz sem cessar, porque os meios de trabalho são sem dúvida o que acumula mais cristalizações, da história humana, [...] (idem, p. 24).

A atividade humana é uma experiência singular na qual se cristalizam:

³ O trabalho real, na verdade, é o resultado das renormatizações, não estrita aplicação e execução das normas. Ou melhor, é a execução das normas através da renormatizações. (SCHWARTZ, 2006, p. 462).

[...] os conhecimentos acionados, que se entrelaçam e sistemas produtivos, as tecnologias utilizadas, as formas de organização, os procedimentos escolhidos, os valores de uso selecionados, e por detrás, as relações sociais que se entrelaçam e opõem os homens entre si, tudo isso cristaliza produtos da história anterior da humanidade e dos povos. (Idem, p. 23).

4 O DISPOSITIVO DINÂMICO DE TRÊS POLOS

Schwartz considera que para compreender o que se passa no trabalho, os saberes disciplinares são necessários, mas é com aqueles que trabalham que será validado aquilo que podemos dizer sobre o que eles vivem na atividade. Os conceitos não são suficientes para compreender o que se passa na situação de trabalho, é preciso retificar e reaprender entre a experiência e os conceitos o que são as mudanças reais: [...] este pôr em trabalho as experiências e os conceitos uns pelos outros, faz surgir o que podemos chamar de debate de normas ou debate de valores. (Idem, p. 26).

Compreender o mundo do trabalho supõe um tipo de trabalho no qual são necessários “[...] os diversos saberes acadêmicos que tem algo a ver com o trabalho, e, de outro, as experiências, os saberes investidos pelos protagonistas dessas atividades [...]”. (Idem, 2007, p. 21).

Para a ergologia, em toda atividade, principalmente no trabalho, se coloca em prática um saber pessoal, o “saber investido” que é resultado da história singular de cada um, adquirido na experiência profissional, na família, nas relações sociais e culturais entre outras. O “saber investido” é um verdadeiro saber e deriva das questões práticas, é um saber em aderência⁵ na atividade, não está escrito nem formalizado, mas gravado no intelecto, no corpo e na alma.

O saber “constituído” corresponde ao saber acadêmico, formal ou simplesmente saber. Esse saber é formalizado nos cursos, nos livros, nas normas técnicas. Para a ergologia,

[...] este tipo de saber, *por mais importante e primordial que seja*, não é capaz de sozinho explicar o que acontece no trabalho tal como ele é exercido na situação real. Ele apenas é suficiente para explicar o trabalho tal como é prescrito, antes de sua realização, mas não para explicá-lo em sua realização efetiva. (TRINQUET, 2010, p. 100-101 grifo do autor).

⁵ Aderência (local e temporal). Fenômeno cuja significação, em qualidade e em geral, está estreitamente ligada à situação vivida aqui e agora (em latim *hicet nunc*: ao momento e ao lugar que se encontra em causa). (SCHWARTZ, 2008, p. 23).

É um saber desinvestido, o que significa que ele é construído fora da atividade. Ele é genérico e está em desaderência da atividade.

Diante desse contexto, para se inscrever de maneira positiva nessa produção, criação, circulação, divulgação e validação de saberes “do” e “no” trabalho, é necessário que os detentores dos saberes constituídos possam sair dos conceitos abstratos e “colar na realidade”, aproximar-se do “aqui e agora” de quem trabalha. Essa dialética entre os saberes dos trabalhadores, “saberes investidos” e “os saberes acadêmicos”, na ergologia, é chamada de “processo socrático de duplo sentido”:

Processo socrático de duplo sentido são situações em que não há somente Sócrates (aquele que sabe), que coloca as questões aos executantes (aqueles que estão na ignorância total e que buscam o saber), que devem responder, mas em que os “executantes” também colocam questões a Sócrates. Daí o duplo sentido. Portanto, é juntos que se deve buscar as respostas apropriadas que levem em conta tanto os saberes acadêmicos quanto os saberes de experiência.” (Idem., p.100).

Para Trinquet (2010), um desafio se apresenta principalmente na formação profissional: “Enfim, admitir e reconhecer esta forma de saber e usá-la, parece-me ser uma exigência histórica que recai sobre a nossa geração.” (p. 103).

Nesse sentido, a ergologia desenvolve “[...] um método classificado de: Dispositivo Dinâmico de Três Pólos (DD3P) e Grupos de Encontro de Trabalho (GRT).” (idem), para entender melhor as situações de trabalho e de saberes, reunindo o maior número de pessoas em um trabalho cooperativo de formação.

O dispositivo dinâmico de três polos se situa, efetivamente, naquilo que podemos chamar de formação, para tanto, reconstituindo sensivelmente esta noção. Com efeito, intervir envolve dominar os saberes que se vai compartilhar, mas envolve também reconhecer o saber do outro, semelhante, na medida em que ele é também permanentemente portador de diferenças recriadoras em sua atividade; conseqüentemente, envolve estar igualmente disponível para aprender com ele. (SCHWARTZ, 2007, p. 267).

Cada polo é um lugar virtual no qual um grupo, um coletivo, busca conhecer, reconhecer o seu ponto de vista, seus interesses, suas concepções, junto aos outros polos com concepções diferentes, porém, complementares.

O “polo dos saberes constituídos” diz respeito a todos os conceitos e conhecimentos disciplinares e/ou profissionais reconhecidos, requeridos e necessários à atividade. Esses saberes são anteriores e produzidos em desaderência com a atividade estudada, são esses

saberes que orientam o trabalho prescrito. No “polo dos saberes investidos” na atividade, estão as experiências práticas, recriadoras de saberes a partir do debate de normas, no vai e vem entre aderência e a desaderência. Esses saberes estão muito ligados na atividade, ou seja, em aderência a essa e resultam de uma história singular. Esse polo configura-se como forças de convocação e validação: “A produção de saberes acerca da vida social, da atividade, da história supõe uma cooperação entre as ‘competências disciplinares’ disponíveis e o que chamamos de forças de convocação e validação.” (Idem, p. 268 grifo do autor).

O terceiro polo remete a uma exigência ética e de respeito ao espaço da atividade real para que os representantes de cada polo, de início entre esse e depois entre polos, sejam construtivos. Esse polo é sem dúvida muito importante, porque ao mesmo tempo em que trata de saberes, valores do saber, trata também da relação com o outro como microrecriador permanente e que deve ser respeitado por isso.

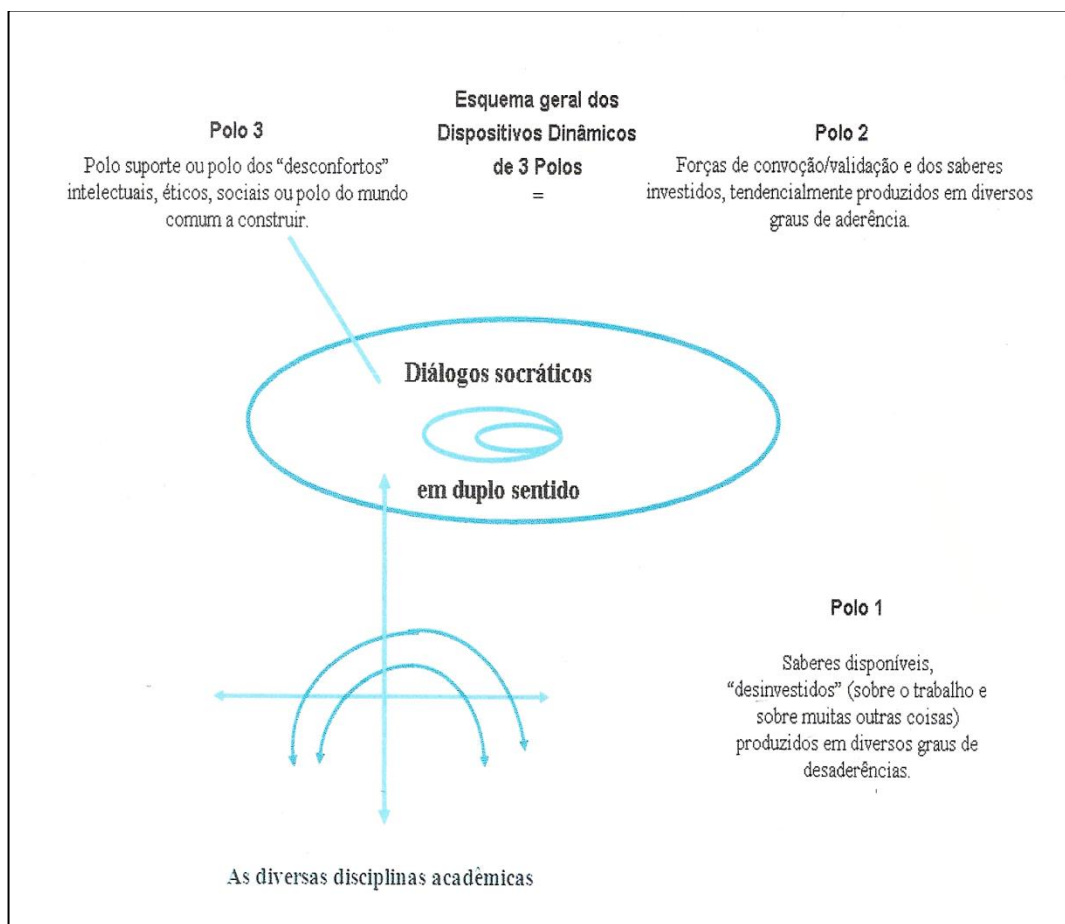


Fig. 1- Esquema Geral dos Dispositivos Dinâmico de Três Polos

Fonte: SCHWARTZ, 2009. Produzir saberes entre aderência e desaderência. p.269.

O dispositivo dinâmico de três polos é o lugar de encontro, é o lugar de trabalho em comum e cooperativo, é lugar de debate de normas, o que gera um desconforto intelectual.

A atividade não pode nunca deixar-nos confortavelmente instalados em interpretações estabilizadas dos processos e dos valores em jogo numa situação de atividade. [...] Trata-se pelo contrário, de se deixar incomodar metodicamente ao mesmo tempo nos nossos saberes constituídos e nas nossas experiências de trabalho, a fim de progredir incessantemente nos dois planos. (SCHWARTZ, 2008, p. 24-25).

Esse desconforto intelectual leva a pensar o que se esconde na atividade e que precisa ser elaborado e supõe um encontro dos saberes constituídos (saberes acadêmicos) aos saberes investidos (produzidos na atividade): “Para compreender o trabalho, os saberes disciplinares são necessários, mas é com aqueles que trabalham que se validará conjuntamente o que podemos dizer da situação que eles vivem.” (Idem, 2007, p. 36).

Para a ergologia, aí está uma verdadeira interdisciplinaridade que não é artificial, em que se beneficiam os aprendizes e os profissionais tanto na atividade de trabalho em si mesma, como na resolução de problemas cotidiano, e, mais ainda, na formação a “[...] inserção profissional não é apenas papel dos aprendizes, mas diz respeito a todos nós.” (DURRIVE, 2007, p. 275).

5 O DD3P E A PRODUÇÃO DE SABESRES NA ETA

A teorização que propomos tem como base empírica uma pesquisa realizada pelos alunos Jardel e Eder, alunos da Escola Técnica de Agricultura (ETA), escola da rede estadual do RS, trabalhadores da agricultura familiar em região fumageira do RS. A pesquisa foi orientada pela professora Jane Gonçalves na ETA, Será descrita a seguir, de forma muito sucinta, dados os limites do texto e por já ter sido objeto de outros artigos.

Ao ingressarem na escola, os alunos desenvolveram uma pesquisa com o uso de fécula de batata doce como uma alternativa à fomicultura⁶. No projeto Uso da fécula da batata-doce como alternativa de renda para agricultura familiar, os alunos pesquisaram a produção de uma cultura já existente a várias gerações dentro do sistema da agricultura familiar: a produção de batata-doce. (PROJETO ALUNOS, 2009).

⁶ A pesquisa como princípio educativo faz parte da proposta pedagógica da escola.

Os alunos iniciaram a investigação a partir do que eles conheciam, ou seja, as culturas de subsistências produzidas pela agricultura familiar.

A partir dessa realidade e de suas experiências, os alunos encontraram uma forma artesanal de fazer a farinha e a fécula da batata-doce. Além disso, conseguiram ir mais longe, mudaram a forma de produção da bebida láctea “produzida e ensinada” pela escola. Criaram alternativas não só para as suas realidades, mas para os demais colegas e para ser reaplicado pela escola. Todo esse processo foi validado pelo aumento de produção e consumo, pela comunidade escolar e pela comunidade em geral⁷.

A pesquisa desenvolvida pelos alunos Jardel e Eder, orientada e acompanhada pela professora Jane, conforme os relatos anteriores, possibilitou o diálogo entre os saberes da escola e os saberes do trabalho, oportunizando para ambos, alunos e professora, a construção de novos saberes para enfrentar as situações de vida e trabalho, como se percebe em suas falas:

[...] ela [professora] tinha um conhecimento aqui e nós tínhamos um conhecimento lá de fora. (entrevista Jardel)

A escola, primeiro, nos passou um pouco de conhecimento, a partir dali com a experiência que a gente tinha, a gente foi agregando nossas experiências. (entrevista Eder)

Esse crescimento que houve, essa troca de experiências foi muito boa, aprendemos juntos [...] (entrevista Prof. Jane)

Jardel, Eder e suas famílias enfrentam mudanças em caráter mundial e local, decorrentes da globalização, que envolvem as relações do trabalho na agricultura familiar, a cadeia produtiva do tabaco, a escolaridade, a formação profissional desse trabalhador, a relação entre os saberes produzidos nesses processos e as possibilidades de criar alternativas para desenvolvimento local nestas regiões fumageiras.

⁷ A pesquisa acabou por interessar a prefeitura de seu município, de forma a implantar a cultura da batata doce – com vistas ao uso de sua fécula – de forma a criar alternativas à cultura do tabaco, no âmbito da Convenção-Quadro. A Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco é um tratado internacional, que busca medidas para a redução do tabagismo. Na medida em que isso ocorrer, vai reduzir também a produção do tabaco, do qual o nosso país é o maior exportador do mundo. Essa redução vai refletir sobre os produtores e na economia das regiões que produzem essa cultura. Esse tratado, entre outras ações, prevê a diversificação da produção dos fumicultores como forma de diminuir o impacto na redução sobre renda familiar dos que vivem dessa cultura, bem como na economia local. São mudanças de caráter mundial que vão ter consequências locais.

Todo esse processo de mudanças em decorrência da globalização não é indolor e terá, sobretudo, seus efeitos na dimensão social em razão da racionalização de custos e das regionalizações das economias. Ao estarem regionalizadas, ou seja, atuando em todos os países ao mesmo tempo, em especial as empresas multinacionais, redefinem suas estratégias, formando em geral um quase monopólio, reduzindo custos e produzindo em maior escala, com isso aumentando cada vez mais o seu lucro. É a partir desse embate que esses trabalhadores estão construindo sua história através da atividade de trabalho e da construção de saberes.

O Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P) é uma ferramenta criada na ergologia para avançar nos estudos e na formação a partir da seguinte questão: Como nos inscrevemos positivamente e de maneira ativa nessa história de produção? Assim, no DD3P “[...] circulam os saberes, para conhecer as normas antecedentes e compreender os recentramentos operados na atividade.” (SCHWARTZ, 2007, p. 269). Esse encaminhamento da Ergologia é também uma tentativa de tornar o ser humano protagonista ativo no meio em que vive. Embora o dispositivo de três polos suponha o exame da atividade em situação de trabalho, mesmo com os limites de esta experiência ter se desenvolvido na escola, reproduziu-se ali, parte do trabalho dos estudantes, de maneira que colocou-se em prática o dispositivo de três polos.

A professora Jane, orientadora do projeto, resume o debate de normas e as dramáticas vivenciadas por esses alunos trabalhadores:

[...] o que mais me chama atenção, tanto no Jardel quanto no Éder, é que eles que são pessoas criadas na lavoura, desde pequenos ajudando os pais, depois eles tiveram que parar de estudar e, nessa parada, eles continuaram trabalhando na fumicultura, além de toda aquela bagagem que eles já tinham de ajudar os pais, eles foram para o trabalho mesmo, para sobreviver, para a sobrevivência deles trabalhando. Nesse período, que eles estiveram fora da escola, eles descobriram o que estavam perdendo fora da escola, porque eles podiam ir muito mais longe, tanto numa promoção profissional para eles, quanto numa melhoria para a família, de qualidade de vida para a família. São pessoas diferenciadas, porque o sofrimento que eles tiveram acompanhando a família, a dificuldade que o agricultor tem hoje, com todos os problemas que acarretam a monocultura do fumo, porque eles ficam presos às empresas e nem sempre são beneficiados. (Jane-entrevista)

A realidade de vida e trabalho na fumicultura está vinculada a projetos pensados a partir da desaderência à cultura dos agricultores. Do confronto dessas realidades de vida, trabalho e valores, os alunos vivem a “dramática do uso de si” tentando encontrar uma

solução para tornar esse meio e o trabalho “vivível” em acordo aos seus valores e à sua cultura “[...] a atividade sempre se desenvolve enfrentando a necessidade de gerir a singularidade da dramática do uso de si.” (SCHWARTZ, 2006, p. 461).

[...] nós tínhamos uma necessidade, nós fomos ao encontro dessa necessidade, que era a necessidade do meio rural ligada à fumicultura, onde temos nossas raízes. (Jardel-entrevista)

Eder diz que as atividades do projeto foram realizadas com o tempo e, na medida em que iam realizando as etapas da pesquisa, iam também “pensando” como fazer, de que forma fazer para que os produtores pudessem também se utilizar desse projeto.

A sucessão de atos em que o ser humano concebe a técnica é a “[...] reflexão sobre a atividade criadora efetuada pelo homem no mundo.” (PINTO, 2005, p. 136) E, ainda, segundo o mesmo autor, a capacidade de superação das adversidades materiais encontra-se na posse da razão. O que também indica que há escolhas a se fazer e essas estão baseadas em valores.

Eu acho que isso tudo foi com o tempo, foi fazendo, fazendo... E a gente foi pensando como produtores de lá, tentando tornar o mais acessível possível, o mais artesanal possível. Até para as pessoas verem que é viável, que funciona mesmo. (Eder-entrevista)

Jardel reconhece que não sabe melhorar sua produção na agricultura e a professora apesar de sua origem do campo não conhecia os saberes da experiência trazidos pelos alunos. Esse desconforto os levou a se dedicarem e a trabalharem juntos, em parceria, recombinao saberes da formação e da experiência.

Mas, tu tens aquele produto e tu não sabes por que e como melhorar ele. Tu não sabes como pegar aquele produto bruto, agregar valor em cima dele. Fazer com que aquele produto que, primeiramente era só matéria-prima do agricultor que, muitas vezes, vai até para a alimentação do gado, tu não tem ideia de que aquilo poderia virar uma alternativa a mais de renda para aquele agricultor que muitas vezes até descartam grande parte dessa produção, seja ela de batata-doce, seja ela de milho, aipim. (Jardel-entrevista)

[...] a experiência trazida por eles de casa, da vivência deles no campo, coisas que eu também sou do interior, mas são coisas que eu não conhecia... (Jane-entrevista)

Os conhecimentos formalizados (saberes da formação), ou conforme a designação de Schwartz (2007), saberes constituídos, através dos livros, das normas, dos manuais, das rotinas de trabalho antecipam a atividade, mas não conseguem antecipar tudo, porque ao mesmo tempo o trabalhador, na atividade, ao interpretar e colocar em ação esses procedimentos antecipa saberes que ainda não foram produzidos: “É essa dialética, que de certo modo, não tem fim. Porque os saberes que serão produzidos, diria eu, a partir da própria atividade, servirão para rearrumar, para renovar o estoque de saberes existente – estoque esse que, por sua vez vai produzir outras situações etc. [...]” (Id, 2007, p. 149).

O Dispositivo Dinâmico de Três Polos propõe a dialética entre os saberes constituídos e os saberes investidos em um esforço de fazer produzir, criar, circular e difundir novos saberes no/do trabalho constituindo-se em um espaço de renormalização e criação da história.

Considerando a ETA e o projeto dos alunos, podemos dizer que no primeiro polo, dos saberes constituídos, encontram-se todas as disciplinas do currículo da formação humana do ensino médio e as tecnológicas da educação profissional, que irão dar o aporte dos saberes teóricos para a atividade do projeto.

Eder reconhece a contribuição desses saberes constituídos para a realização do projeto, através dos professores.

Então, eu acho que a escola contribuiu com muito conhecimento para o desenvolvimento do projeto. No início, a gente conversou com vários professores, tentando chegar à conclusão de que farinha seria melhor alternativa. Daí partia a dúvida de qual farinha? Aí iniciamos a pesquisa [...] até nós chegarmos à batata-doce que foi a que apresentou melhor aspecto, melhores condições e é uma cultura também fácil de ser produzida, que todo mundo produz, mas produz apenas pra o seu consumo ou para a alimentação dos animais. (Eder- entrevista)

No polo dois, encontramos os saberes da experiência, engajados e em aderência à atividade, cuja diversidade é infinita e decorrem das renormalizações do trabalho, aqui e agora, nas diversas posições hierárquicas. Esses saberes são difíceis de colocar em palavras, mas são eles que retrabalham os valores humanos, sociais e coletivos.

No terceiro polo estão as forças de convocação ou reconvocação que remetem à dialética entre os saberes dos dois polos. Os alunos trazem essa perspectiva em suas falas, principalmente quando Jardel afirma ter a experiência da agricultura, mas reconhece que faltava algo para desenvolver sua ideia de forma que fosse um projeto viável aos agricultores.

Para que pudessem desenvolver e melhorar a sua ideia, os saberes já constituídos acerca da produção da farinha foram necessários. Precisa-se dos conceitos para compreender a própria experiência do trabalho e ampliar os horizontes para que se atue nas transformações.

[...] porque tu tens a experiência, porém tu não tens aquela lição teórica. Tu tens só a prática, mas foi fundamental essa questão do saber trabalhar. (Jardel-entrevista)

Então a partir daí foi que eles vieram buscar outros conhecimentos para a melhor qualidade de vida deles e das famílias. (Jane- entrevista)

No caso do projeto dos alunos, a força de convocação e reconvocação são todos os conhecimentos constituídos através das diversas disciplinas envolvidas, além de uma exigência de normas com relação à produção de alimentos ligadas à agroindústria, normas técnicas de boas práticas e de inspeção de alimentos industrializados, mesmo que artesanalmente, que eles deveriam se apropriar para viabilizar essa produção. Esse é um exemplo dos conhecimentos constituídos que esse saber investido de fazer farinhas, que eles traziam de sua experiência, necessitava reconvocar ao primeiro polo.

A dialética entre esses dois polos se dá através dos processos socráticos de duplo sentido. Nesses processos se reconhece o vai e vem dos saberes da experiência com os saberes constituídos. Também se reconhece que não existem os que sabem e os que não sabem, reafirmando aquilo para que Freire já chamava a atenção: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmos, os homens se educam entre si [...]” (2008, p. 78).

O que existe é um posicionamento de protagonistas, de parceiros, que buscam respostas às questões que os envolvem, através do diálogo e da reflexão de modo a reconstruir ou ressignificar esse saber.

Observa-se nessa dialética, um saber em duplo sentido entre os alunos e a professora Jane, quando eles relatam que foram construindo juntos (saberes da experiência e os saberes da escola através das disciplinas). Remete também àquilo no que tem insistido Barato (2008, p. 11): “O abandono do mencionado par dicotômico [teoria e prática] muda modos de ver educação profissional. E muda também modos de ver saberes que se constituem no e pelo trabalho.”

[...] foi tudo em conjunto. A escola, primeiro, nos passou um pouco de conhecimento, a partir dali com a experiência que a gente tinha, a gente foi agregando nossas experiências. (Eder - entrevista)

Jardel diz que a professora ensinou muito a eles, mas eles também ensinaram à professora. Nesse sentido, há uma troca de saberes. Ainda podemos perceber a dialética entre os saberes quando Jardel relata que: “[...] ela [professora] tinha um conhecimento aqui e nós tínhamos um conhecimento lá de fora.” Entende-se conhecimento “aqui” como o saber constituído (escolar) construído em desaderência e o saber de “lá de fora” como saber investido na atividade, no aqui e agora, com quem pratica a atividade com todas as variações do meio (experiências dos trabalhadores).

Ela [professora] nos deu um suporte técnico de conhecimento que nós tínhamos uma ideia. Nós fomos descobrindo, tanto o aluno quanto o professor e isso foi muito bacana, a gente se descobrindo aos poucos. "Será que vai dar certo"? E nós tivemos turbulências, mas faz parte do conhecimento, as discussões que nós tínhamos em torno do projeto "ah, quem sabe vamos fazer assim", isso foi muito gratificante para nós. (Jardel-entrevista)

A professora Jane reconhece que aprendeu junto com os alunos. Nesse caso, não há apenas a figura de um professor que “ensina” os saberes aos alunos, que somente “aprendem” os saberes ensinados, mas sim existe uma interação entre ambos que aprendem e constroem novos saberes.

Esse crescimento que houve, essa troca de experiências foi muito boa, aprendemos juntos, então a gente não só como professor e aluno, mas a relação de pessoa foi muito boa. (Jane- entrevista)

Ao observar e comparar a fécula com o espessante artificial que a escola usava na agroindústria para a produção de bebida láctea, nós observamos que a textura era parecida. Daí, juntamente com a professora da agroindústria, nós começamos todo um trabalho para substituir esse espessante artificial que é um espessante químico, pela fécula da batata-doce e tivemos um ótimo resultado com um gosto bem mais suave e, atualmente, está sendo na produção de bebida láctea e também na panificação. (Eder-entrevista na rádio)

Percebe-se também, a partir da fala de Eder e Jardel, que na formação e no trabalho “[...] pouco a pouco, é preciso apropriar-se do conceito para compreender sua própria situação

e sua própria experiência, admitindo-se a possibilidade de, a seguir, retrabalhar, “refabricar” de certo modo muitos desses conceitos, ou mesmos todos [...]” (SCHWARTZ, 2007, p. 140). A partir dos conceitos, o sujeito muda o olhar sobre si, assim como sobre o seu trabalho.

Nesse sentido, não existe conhecimento fora da práxis, em uma dimensão mais ampla, aluno e professor se envolvem em um movimento de aprendizagem mútuo para retrabalhar cada um o seu saber, e desse movimento pode surgir um novo conhecimento, uma nova forma de fazer com sentido e significado para aqueles que se aventuram a aprender.

Tu tens que ter um conhecimento técnico, para ti melhorar esses pensamentos. E, aqui na instituição, foi o que nós encontramos. A partir da ideia de fazer farinhas até com legumes, com raízes, com abóboras, elas vêm sim do interior, se fazia isso. E aqui dentro nós melhoramos essa ideia. (Jardel - entrevista)

A escola ela defende muito a questão de trabalhar com produtos naturais, então o único produto na bebida que era artificial, que era um produto químico era esse espessante, então agora nós substituímos por um espessante totalmente natural, ou seja, agora nós temos uma bebida totalmente natural e a bebida ela aumentou a venda aqui na escola de 20 litros por semana ela aumentou para 100 litros. (Eder- entrevista na rádio)

Os alunos com seus saberes de quem vive o protagonismo do dia a dia, no trabalho criaram uma nova forma de produzir não só economicamente, mas de forma sustentável a qual remete a valores sociais e políticos de um “viver em comum”. A professora e a Escola ensinaram, mas aprenderam também com os alunos, refletindo em seu dia a dia e nos conhecimentos que continuaram sendo construídos.

[...] porque se eles não tivessem essa preocupação e essa dedicação do conhecimento desse tipo de produção, jamais nós teríamos modificado o nosso processamento aqui na escola. Nós estaríamos ainda usando espessante químico, com um custo muito elevado. E isso trouxe, além de baratear o custo de produção, melhor condição nutricional de um produto totalmente natural. Então isso foi fundamental, foi um trabalho que marcou. (Prof. Jane- entrevista)

Dos saberes retrabalhados, ressignificados, dessa dialética entre esses dois polos, surgem as reservas de alternativas, já mencionadas. Ou seja, outras formas de trabalhar, outras possibilidades de atividades, de agir de outra maneira frente às variabilidades do meio, a partir de escolhas, mas também com responsabilidades e riscos: “O trabalho não é mais um tempo vazio de sentido, uma simples concha na qual introduzimos os procedimentos. O trabalho

torna-se uma aventura, na medida em que ele é uma grande diversidade e é aí que todos nós encontramos as alavancas para progredir.” (DURRIVE, 2007, p. 300).

O projeto dos alunos busca uma alternativa para diversificação da produção na pequena propriedade, em que os agricultores possam utilizar-se de recursos próprios, diminuindo os custos com insumos.

Para exemplificar, Jardel compara com a cultura do trigo e aponta a viabilidade do projeto desenvolvido por eles como a redução do uso de agrotóxico, máquinas, mão de obra.

Eder reafirma a preocupação em mostrar para os agricultores que existem alternativas para a diversificação da lavoura do fumo.

Se compararmos com o trigo, não fazemos apologia contra o trigo, até porque nós sabemos da capacidade nutricional que o trigo tem, mas a gente procura novidades, alternativas. Mas vamos fazer uma comparação. Com o maquinário utilizado na produção do trigo, com a mão de obra, com os agrotóxicos, com os adubos, se nós compararmos tudo isso com a produção da batata-doce e mais com a produtividade, só por si, nós teríamos um projeto que traria, para a agricultura familiar, uma sustentabilidade e uma alternativa mais. (Jardel - entrevista na rádio)

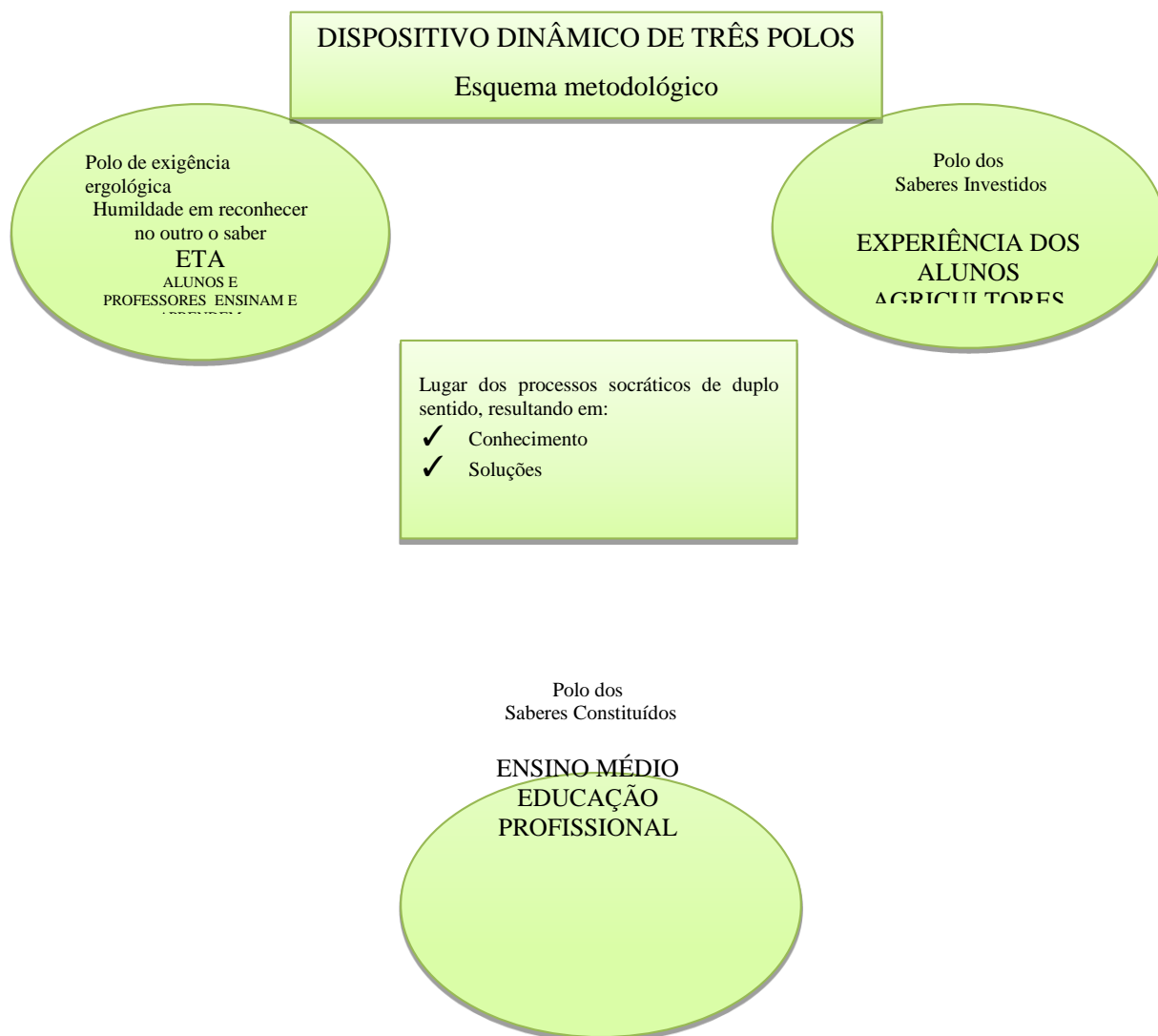
Esse é um projeto que tem toda uma questão social e econômica da agricultura familiar, e nós queríamos, com o tempo, trazer esse projeto para o município de Venâncio Aires, porque nós sabemos que a agricultura não pode ficar fixa em apenas uma única cultura, na monocultura do "fumo". Nós temos que criar alternativas, e, o próximo passo seria trazer esse conhecimento ao público, ao pequeno produtor, que há sim alternativas. Há um modo de produzir, de gerar renda. Então, o nosso próximo passo seria realmente trazer esse projeto e mostrar para a comunidade uma alternativa a mais. (Eder-entrevista rádio)

Eder expressa uma satisfação pessoal no que se refere aos resultados e possibilidades do projeto. O projeto atende o perfil dos pequenos agricultores que os alunos conhecem em suas regiões, agricultores que poderiam se beneficiar dessa alternativa.

No início do projeto nós tínhamos toda uma preocupação de fazer um projeto que fosse viável, que tivesse um custo de produção, mas também tivesse um custo benefício. E o nosso projeto é um projeto que se enquadra bem na agricultura familiar pela batata-doce ocupar pequeno espaço na propriedade. Então em pequenas propriedades de três, sete, dez hectares, ele é um projeto que ele se enquadra bem, e também não tem uma mão de obra muito elevada. Acho que a sensação é muito boa de tu saber que tu estás promovendo algum conhecimento, alguma coisa para ajudar as famílias da nossa comunidade. (Eder-entrevista)

Retomando o esquema metodológico do dispositivo dinâmico de três polos, poderíamos representar o estudo em questão da seguinte forma:

Fig. 2 – Esquema Metodológico Dispositivo Dinâmico de Três Polos – Adaptado de Pierre Trinquet.



Fonte: TRINQUET Pierre, 2010. Trabalho e Educação: O Metodo Ergológico, p. 104.

Os alunos entendem que o projeto pode ser uma alternativa para o desenvolvimento local, uma vez que traz uma possibilidade para diversificar a monocultura do fumo e a dependência das multinacionais detentoras dos meios de produção dos agricultores.

Contudo, reconhecem a partir de suas experiências que será difícil abandonar a fumicultura, mas acreditam que a diversificação é possível e necessária para melhorar as

condições e a qualidade de vida dos pequenos agricultores, mas pensam que será necessário um incentivo por parte dos gestores do município, o que já ocorreu.

Não só poderia como deveria. Só que como nós já debatemos antes falta subsídios, falta o incentivo de dizer assim: "vamos produzir e mais, vamos juntar uma comunidade pequena de algumas famílias, cinco famílias, e vamos construir uma cooperativa de beneficiamento, vamos fazer uma miniagroindústria". Não se tem isso, não se tem esse tipo de incentivo. Até o município de Venâncio Aires se propôs a fazer intercâmbio com a escola, com a EMATER e os centros de qualificação, só que o município peca também porque, lá pelas tantas, eles pensam "ah, mas é uma empresa de porte muito pequeno, não vai me trazer lucro, não vai me trazer impostos". Essa é a cultura dos gestores. Eles pensam num lucro maior. E esse projeto não só poderia como deveria acontecer e ser levado para fora como foi para Venâncio Aires, porque ele não traz grandes rendimentos para o município, mas ele não vai trazer o rendimento para o agricultor. Mas hoje quem comanda são as fumageiras. Temos esperanças de conseguir. (Jardel-entrevista)

Tivemos uma conversa com o seu Giovani na semana passada e, de repente, é uma ideia para levar para Venâncio, porque é um projeto que se enquadra bem na agricultura familiar, ele tem toda uma questão social de agregar valor à matéria-prima, porque se tu apresentar a batata em si no mercado ela é valorizada muito pouco, em torno de 40 a 50 centavos, a batata ideal que é de 150 a 250 gramas. Então, a batata maior ou menor que isso aí vai ser o mesmo preço. Então tu estás agregando valor à matéria-prima. (Eder-entrevista na rádio)

Houve o interesse do secretário de agricultura da época e da secretaria de educação, porque eles iam não só dar mais uma possibilidade de diversificação da fomicultura, mas também a utilização desse produto na merenda escolar. Então houve uma sensibilidade dos gestores do município vendo que dois alunos oriundos do município estavam numa pesquisa divulgada a nível nacional e que trariam o benefício também diretamente para a comunidade deles. (Jane - entrevista)

A educação só passa a ter sentido se estiver diretamente voltada para preparar os indivíduos para compreenderem a si mesmos e aos outros através de um melhor conhecimento do mundo.

6 PALAVRAS FINAIS

Apresentamos um estudo de caso que se considerou como uma forma muito aproximada do DD3P. O dispositivo supõe o exame da atividade em situação de trabalho com

a mobilização de diferentes técnicas utilizadas para isso. Mesmo com os limites de esta experiência ter se desenvolvido na escola, reproduziu-se ali parte do trabalho dos estudantes.

O estudo apontou para a possibilidade e a potencialidade concreta da escola e da formação promover, no seu cotidiano, o encontro e a dialética dos saberes da formação e os saberes da experiência para produzir, criar, fazer circular, difundir novos saberes. Com isso, os resultados também contribuíram para desconstruir a ideia da simples reprodução dos saberes formalizados (constituídos), que segundo a ergologia, encontram-se no primeiro polo do Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P). Foi identificada, ainda, no processo de pesquisa dos alunos, além dos diversos saberes constituídos, as diversas experiências, saberes e valores de vida e de trabalho na/da agricultura familiar (saberes investidos) que se situam no segundo polo do DD3P. Os alunos lançaram mão desses saberes constituídos e dos saberes da experiência para desenvolver uma alternativa de produção com o objetivo de melhorar e ampliar a qualidade de vida e renda das famílias que trabalham na agricultura familiar. Isso tudo foi possível porque houve um reconhecimento, por parte da professora e dos alunos, um do “outro” como portador de saberes e como microcriador de saberes em sua atividade, saberes que apesar de diferentes se completam. Dessa dialética surgem as alternativas e soluções para os problemas comuns individuais e coletivos, nesse caso dos próprios alunos, de suas comunidades, bem como para o espaço escolar, que se beneficia enormemente com a aprendizagem em conjunto dos diversos saberes constituídos e da experiência, ou seja, dos saberes investidos.

Há muito a escola pública vem sendo alvo de descrédito por parte: da sociedade de maneira geral; dos professores, expresso em seu desânimo frente às precárias condições de trabalho e as precárias condições de vida dos alunos, que acabam nela rebatendo; e dos próprios alunos, principalmente dos jovens e adultos, que não encontram sentido naquilo que ela pode lhes oferecer. As reflexões de nosso grupo de pesquisa giram em torno da importância de a escola valorizar e legitimar os saberes que os alunos jovens e adultos trazem. No entanto, esta não é uma tarefa simples. Ao visibilizar uma experiência bem sucedida neste sentido, e ao explorar as possibilidades de uso de uma ferramenta teórico metodológica que objetiva promover o diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes engajados na atividade de trabalho por aqueles que o executam, acreditamos estar contribuindo com a prática docente e com o campo teórico-metodológico, ainda novo, da ergologia.

VOCATIONAL EDUCATION, WORK AND KNOWLEDGE PRODUCTION

Abstract

The paper presents the case study about a reasearch developed in a vocational education school, by two students. They are workers from a region of tobacco industry in the interior of Rio Grande do Sul/Brazil. The focus is on how the dialogue between the school knowledge, and the students' experiencial knowledge took place. It is a theoretical essay of seeing an use of Three Poles Dynamic Device - methodological tool proposed by Ergology. The concepts of human activity, work, knowledge and Three Poles Dynamic Device (DD3P) are the theoretical framework of the study. Our objetctiv is to give visibility to a successful experience in a public school whose audience are young and adult workers , and exploring the possibilities of using a theoretical and methodological tool that aims to promote dialogue between academic knowledge and knowledge engaged in work activity. Thus, we believe we are contributing to the teaching practice and the theoretical - methodological field , still under construction.

Keywords: Vocational Education; Work-Education; Knowledge At Work ; Ergology; Dynamic 3-Pole Device

EDUCACIÓN PROFESIONAL, TRABAJO Y PRODUCCIÓN DE SABERES

Resumen

En este artículo se presenta un estudio de caso de una investigación que se desarrolló en una escuela técnica publica, con dos estudiantes trabajadores de una industria del tabaco, en el interior de Río Grande do Sul. El enfoque es cómo establecer el diálogo entre el conocimiento de La escuela y em conocimiento de la experiencia de los estudiantes a la luz de la Ergología. Es um ensayo teórico para ver en esta experiencia un uso del Dispositivo Dinâmico de Tres Polos, herramienta metodológica de esta propuesta. Los conceptos de *actividad humana*, *trabajo*, *saberes* y el Dispositivo Dinámico de Tres Polos (DD3P) em La perspectiva de la Ergología, son el marco teórico del estudio. Dando visibilidad a una experiencia exitosa en una escuela pública cuya audiencia son jóvenes y adultos trabajadores, y explorarando las posibilidades de utilizar una herramienta teórico-metodológica que tiene como objetivo

promover el diálogo entre el conocimiento académico y el conocimiento desarrollado em la actividad de trabajo por aquellos que lo ejecutan, creemos estar contribuyendo para la práctica docente y para el campo teórico y metodológico, aún en construcción.

Palabras clave: Educación Profesional; Trabajo-Educación; Saberes Del Trabajo; Ergología; Dispositivo Dinámico De 3 Polos

REFERÊNCIAS

BARATO, Jarbas Novelino. *Educação Profissional: saberes do ócio ou saberes do trabalho?* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

_____. Conhecimento, Trabalho e Obra: uma proposta metodológica para a educação profissional. *Boletim Técnico Senac*. Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 4-15, set/dez. 2008.

DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. *Revisões Temáticas: Glossário de ergologia*. Tradução Liliana Cunha e Marianne Lacomblez. *Revista Laboreal*. Vol. IV, nº 1. p.23-28, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
PINTO, Álvaro Vieira. *O Conceito de Tecnologia – volumes I*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.

SCHWARTZ, Yves. *Trabalho e Saber*. Trad. Daisy Moreira Cunha; Francisco Lima e Eloisa Helena Santos. *Trabalho e Educação*. Vol.12. nº 1 – jan/jun – 2003.

_____. Transmissão e Ensino: do mecânico ao pedagógico. *Pro-Posições*. vol.16. nº 3 – set/dez – 2005

_____. Entrevista: Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*. vol. 4 nº 2 – set/dez – 2006. p. 457-466

_____. Produzir saberes entre aderência e desaderência. *Revista Educação Unisinos*. vol. 13 nº 4 – set/dez – 2009. p. 264-273. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/4959>. Acessado em: 04 Nov. 2015.

_____; DURRIVE, Louis. *Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana*. Trad. Jussara Brito e Milton Athayde et al. . Niterói: UdUFF, 2007

_____; ADRIANO, Rufino; ABDERRAHMANE, Flad. Revisitar a actividade humana para colocar as questões do desenvolvimento: projeto de uma sinergia franco-lusófona. *Revista Laboreal*, v 4. n ° 1 2008. P. 10-22. Disponível em:

OLIVEIRA, M. C. R.; FRANZOI, N. L.

<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV658223439657>; Acessado em: 04 Nov. 2015.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e Educação: o método ergológico. *Revista Histedbr On line*. Número especial, p.93-113, agosto, 2010. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art07_38e.pdf. Acessado em: 04 Nov. 2015.

Data de recebimento: 16/03/2015

Data de aceite: 27/10/2015